

## A territorialização da cafeicultura e a produção de alimentos da agricultura camponesa no município de Encruzilhada/Bahia

Nádia de Sousa Silva  
Universidade Federal de Goiás, Goiás, Brasil  
Endereço eletrônico: nadiasilva@discente.ufg.br

320

**Palavras-chave:** Agricultura camponesa. Agronegócio cafeeiro. Produção de alimentos. (Re)Existências

### INTRODUÇÃO

A territorialização do agronegócio cafeeiro em Encruzilhada/Bahia, se dá à luz do processo histórico de expansão do capital, nos moldes da agricultura capitalista, monopolista e mundializada impulsionada por processos de financeirização e arraigada na lógica de produção e comercialização de *commodities* para a reprodução do capital. Essa expansão fortaleceu a economia do agronegócio da cafeicultura que, constitui o aumento da demanda por terras, frente a essa acumulação, o que intensifica os conflitos territoriais e vem transformando os hábitos e alterando os modos de vida dos sujeitos sociais que habitam esses territórios rurais nesse município. Embora, predomine nos territórios rurais desse município, o monocultivo do café, compreende-se que são os camponeses e camponesas, os responsáveis por meio da agricultura com o cultivo de alimentos saudáveis, livres de agroquímicos, essenciais para alimentar a população.

A pesquisa tem como objetivo compreender como o processo da espacialização do agronegócio cafeeiro ocorre no município de Encruzilhada/Bahia e causa rebatimentos sobre a produção de alimentos da agricultura camponesa. Essa análise baseia-se em tecer algumas reflexões em face das dinâmicas territoriais da produção da cafeicultura, destacando as (Re)Existências<sup>1</sup> camponesas, construídas como estratégias e ressignificações dos seus modos de vida, na manutenção e reprodução social, que contrapõe a lógica capitalista das *commodities* nesse município.

<sup>1</sup> De acordo com Pelá; Mendonça (2010, p. 54), as (Re)Existências: [...] são ações construídas no processo de luta pelos territórios da vida, expressas na luta pela permanência na terra, na luta pela Reforma Agrária, [...] que expulsam milhares de famílias de seus lugares de existências, na luta pela água, entre outras ações de natureza política que possuem como fundante as relações de pertencimento.

Realização:



Apoio:



Diante desse cenário, o monocultivo cafeeiro, encabeçado pelo agronegócio, se expande precisamente nos territórios rurais e marca essa região por intensas e rápidas modificações ambientais. No entanto, com o avanço dessas commodities, os agricultores camponeses estabelecem e constroem estratégias e relações que estão entrelaçadas no território, por meio de suas práticas cotidianas, saberes e fazeres e viabilizam o trabalho e a produção de alimentos, como condição fundamental de sua reprodução e (Re)Existência.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa está amparada numa perspectiva qualitativa e quantitativa, assentada na análise crítica da realidade, fundamentada por revisão bibliográfica cuja abordagem busca analisar a realidade rural do município de Encruzilhada. Os referenciais teóricos estão pautados nas discussões concernentes entre as categorias de análise, agronegócio, território e alimentos, elencadas como essenciais para compreender a dimensão espacial assentada nas vivências dos camponeses nesse território.

No que tange aos aspectos teórico-metodológicos, a pesquisa está pautada na leitura das contradições, para a compreensão da expansão do capitalismo no campo da realidade estudada. A sistematização das informações, se deu por meio dos dados primários e secundários, além das observações *in loco* e realização do trabalho de campo e aplicação de entrevistas semiestruturadas com os sujeitos pesquisados. Desse modo, o tópico apresentado a seguir tem como intuito evidenciar os alicerces teóricos que têm balizado essa pesquisa.

## **A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS DA AGRICULTURA CAMPONESA NO MUNICÍPIO DE ENCRUZILHADA/BAHIA**

A produção de alimentos da agricultura camponesa cultivado nesse município, está arraigada no modo de vida dos camponeses e camponesas e dos grupos familiares, uma vez que, essa prática camponesa se constitui como uma forma encontrada pelos agricultores e agricultoras para a sua sobrevivência e reprodução social. Esses grupos criam e recriam alternativas no meio rural, e buscam soluções e traçam estratégias individuais e/ou coletivas para as problemáticas enfrentadas no cotidiano. Esse processo se caracteriza como estratégias e ferramentas de (re)configurações que se materializam em (Re)Existências, por meio de ações de lutas para os grupos sociais camponeses que

residem nos territórios rurais, em contraponto ao modelo de produção de predomínio do agronegócio do alimento enquanto mercadoria, que os transformaram em territórios utilizados somente para as lavouras cafeeiras.

Confirma-se que, são os agricultores camponeses que produzem comida de verdade<sup>2</sup> afirmam e reafirmam as territorialidades que se constroem por meio das relações sociais, mediante às “[...] pressões investidas pela aquisição da sua terra de trabalho por aqueles detentores do capital. Com a transformação do uso da terra e a (re)invenção de produtos, busca o agricultor familiar a sustentabilidade em uma terra que é lugar de vida” (MENEZES, 2009, p. 42). O painel fotográfico (01) a seguir retrata a diversidade dos cultivos de alimentos produzidos pelos camponeses.

**FIGURA 1 -** Cultivos agroecológicos, Comunidade Vila Corina/Vila do Café – Encruzilhada/Bahia.



Fonte: SILVA, N.S., 2024.

As imagens explicitadas no painel fotográfico retratam a agrobiodiversidade pautada na produção agroecológica, que tem sido o refúgio desses camponeses, estes se constituem como agentes de transformação, impulsionando uma prática de policultivos e inspirando a continuar a luta por uma agricultura saudável e mantendo a identidade de produzir alimentos tradicionais e saudáveis, em meio ao caos das invertidas do capital, expressa nesses territórios, pelos moldes da cafeicultura, que reforça a luta na terra por esses sujeitos e engajam na luta contra o capital.

<sup>2</sup> A comida de verdade, se refere aos alimentos que são pouco processados, ou àqueles produzidos na lida diária com a terra, com a natureza, como por exemplo, (mandioca, banana, batata, quiabo, hortaliças entre outros). Para RAIS/CO (2016, p. 01) “A *comida de verdade* é aquela que atende não apenas as nossas necessidades nutricionais, mas também nossas demandas psicossociais, culturais e às do meio ambiente como um todo”.

Sobre a produção da agricultura camponesa, recorremos a análise apontada por Brandão (2007), que assegura: “Produzimos bens e vendemos trabalho e/ou mercadorias. Mas, através de pessoas e de coisas [...] na verdade o que trocamos nos diferentes tempos-espacos dos diversos mercados possíveis são símbolos e significados, valores e sentidos de vida” (BRANDÃO, 2007, p. 55). Assim, trata-se de novos hábitos, que resgatam por meio de suas experiências as práticas tradicionais de cultivo, que tem se mostrado viável para essa comunidade e para os sujeitos que tem acesso a esses alimentos saudáveis.

Nesse contexto, Mendonça (2010, p. 196) assevera que, “Para apreender como esses sujeitos marcam e demarcam seus territórios e temporalidades torna-se fundamental ter como referência o tempo da natureza, que é o de plantar, o de colher, o de armazenar, mas também é o de comer e o de festar”. O autor destaca a importância de considerar o tempo da natureza ao analisar como esses sujeitos definem e delimitam seus territórios, pois esse tempo não se limita apenas ao plantio, colheita e ao acondicionamento, mas inclui também os momentos de alimentação e celebração, que marcam a fartura e as práticas culturais camponesas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo aborda uma reflexão sobre as (Re)Existências da agricultura camponesa em Encruzilhada/Bahia. Assim, apesar do predomínio do monocultivo do café no contexto do agronegócio local, são os grupos familiares e as comunidades que praticam a agricultura camponesa os responsáveis pela produção dos alimentos saudáveis, com referências culturais e identitárias, embora predomine a produção das commodities, que integra a lógica da realidade local.

Nesse sentido, reflete-se também, sobre as dinâmicas produtivas agrícolas e das transformações espaciais, que vem se potencializando no território e perpassa a territorialização nesse caso específico do café, pois além das consequências sociais, culturais e econômicas, causa rebatimentos sobre as populações camponesas que nos territórios, bem como as interferências concernentes à essa produção é fundamental para compreender as profundas mudanças ocorridas na estrutura agrária dos territórios rurais de Encruzilhada, baseado no monocultivo do café.

Na leitura da realidade, constatou-se que o agronegócio tem transformado os territórios rurais do município em questão, pautado na lógica capitalista, da produção da

monocultura cafeeira, contudo, ainda persistem as estratégias e alternativas de vida e trabalho assentados na produção camponesa, por meio das (Re)Existências camponesas.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **RURIS**, vol. 1, número 1, 2007. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/310076/mod\\_resource/content/0/Brand%C3%A3o\\_Carlos.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/310076/mod_resource/content/0/Brand%C3%A3o_Carlos.pdf). Acesso em: 21 nov. 2022.

PELÁ, Márcia; MENDONÇA, Marcelo Mendonça. Cerrado Goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputa. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis. (org.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia, Editora Vieira, 2010.

MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Complexidade do espaço agrário brasileiro: o agrohidronegócio e as (Re)Existências dos povos cerradeiros. **Terra Livre**. São Paulo/SP, Ano 26, V.1, n. 34 p. 189-202, 2010. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/download/318/301>. Acessado em janeiro de 2023.

MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. **A força dos laços de proximidade na tradição e inovação no/do território sergipano das fabriquetas de queijo**. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009.

REDE DE APOIO À IMPLEMENTAÇÃO DO SISAN NA REGIÃO CENTRO-OESTE (RAIS/CO). **O que é comida de verdade e qual a sua importância individual e coletiva?** 2016. Disponível em: <https://raisco.wordpress.com/2016/06/06/comida-de-verdade/>. Acesso em: 30 mai. 2022.